

Richard Dyer
King's College

Em defesa da disco, 40 anos depois¹

In Defense of Disco, 40 Years Later

En defensa de la disco, 40 años Después



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Dyer, R. Em defesa da disco, 40 anos depois.
Revista Eco-Pós, 28(2), 29–46.

<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i2.28605>

¹ Transcrito por Sam Egan e traduzido por Ribamar Oliveira.

RESUMO

Esta palestra de Richard Dyer aconteceu no dia 13 de maio de 2025 durante o curso de extensão “A arte na festa, a festa na arte”, ministrado pelo professor Denilson Lopes, no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo (USP). No evento, o professor emérito em Estudos de Cinema do King’s College de Londres revisitou o seu texto seminal *“In defense of disco”*, publicado originalmente em 1979 no número oito da revista socialista britânica *Gay Left*. No formato de conversa e entremeado de perguntas do público, Dyer fala 40 anos depois do choque que o levou a escrever o texto, da sua experiência de ir às boates para dançar Diana Ross e de estar engajado nas políticas gays da esquerda no início da década de 1980.

PALAVRAS-CHAVE: *Queer; Disco; Comunicação; Entretenimento.*

ABSTRACT

This lecture by Richard Dyer took place on May 13, 2025, during the extension course “*Art in the Party, the Party in Art*”, taught by Professor Denilson Lopes at the Museum of Contemporary Art (MAC) of the University of São Paulo (USP). During the event, the emeritus professor of Film Studies at King’s College London revisited his seminal text *“In Defense of Disco”*, originally published in 1979 in issue number eight of the British socialist magazine *Gay Left*. In a conversational format interspersed with audience questions, Dyer speaks forty years later about the shock that led him to write the text, his experience of going to nightclubs, and his involvement with leftist gay politics in the early 1980s.

KEYWORDS: *Queer; Disco; Communication; Entertainment.*

RESUMEN

Esta conferencia de Richard Dyer tuvo lugar el 13 de mayo de 2025 durante el curso de extensión “*El arte en la fiesta, la fiesta en el arte*”, impartido por el profesor Denilson Lopes en el Museo de Arte Contemporáneo (MAC) de la Universidad de São Paulo (USP). En el evento, el profesor emérito de Estudios de Cine del King’s College de Londres revisó su texto seminal *“In Defense of Disco”*, publicado originalmente en 1979 en el número ocho de la revista socialista británica *Gay Left*. En formato de conversación e intercalada con preguntas del público, Dyer habla cuarenta años después del impacto que lo llevó a escribir el texto, de su experiencia en las discotecas y de su participación en las políticas gays de izquierda a comienzos de la década de 1980.

PALABRAS CLAVE: *Queer; Disco; Comunicación; Entretenimiento.*

Posso falar sobre como eu escrevi aquele artigo? Suponho que a resposta simples seja. Foi um choque entre a minha experiência de sair, de ir a boates, a clubes gays, e a de estar tanto na esquerda quanto também na política gay. Sabe, eu me assumi antes de existir uma política gay, eu ia a clubes e descobri essa música que eu simplesmente amava — provavelmente tocava no rádio também, mas eu não ouvia muito música pop no rádio. Foi nos clubes que eu ouvi: Diana Ross, Stevie Wonder e todas essas pessoas. Tanto em Londres, inicialmente, como quando estudei francês. Meu primeiro diploma foi em francês. Eu estava em Paris e foi uma experiência fantástica. Depois, quando me mudei para Birmingham para estudar, também ia a clubes gays lá e também adorava essa música. Mas, ao mesmo tempo, estava me envolvendo mais com política. Nunca estive realmente muito envolvido com a política de esquerda convencional, participava de passeatas em apoio a grevistas e esse tipo de coisa, mas nunca estive em um partido político.

No entanto, estava muito, muito envolvido com a libertação gay, e sempre — isso me surpreendia — percebia que a vida gay que eu tinha nos clubes não era tão diferente da experiência que eu tinha no movimento gay. Em parte, porque o movimento gay era muito crítico da cena gay, como todos nós dizíamos e víamos a cena gay, porque ela era vista como muito comercializada: havia toda uma espécie de argumentos anticapitalista sobre os clubes gays e toda sensação de que havia objetificação. As pessoas objetificavam umas às outras. Não era um ambiente muito amoroso ou comunitário. Era individualista. As pessoas iam apenas para se pegar. Essa era a crítica. Na verdade, eu não acho que isso era realmente um fato, mas essa era a percepção. Então havia a ideia de que a libertação gay iria encontrar uma maneira diferente de alcançar uma espécie de “comunidade gay”. Mas, havia esse grande descompasso entre essa música e essa sensação maravilhosa de dançar com qualquer pessoa. A maioria desses clubes gays realmente eram clubes gays masculinos. Era como dançar com todos esses homens e, ao mesmo tempo, com esse movimento de libertação gay, que de alguma forma achava que isso era terrível e horrível. Então, eu tentei escrever o artigo.

Na verdade, o texto foi uma tentativa de encontrar meu caminho através disso, de finalmente chegar a uma reconciliação entre a música que eu gostava e a política que eu gostava. Foi assim que tudo surgiu. Suponho que, para mim, isso ia ainda está mais atrás. Em parte, porque

acho que tem a ver com a idade. Eu nasci logo no final da Segunda Guerra Mundial, então eu era... não sei, na verdade isso não significa nada. Não sei por quê..., mas, embora haja algumas coisas pessoais na minha história familiar, eu sempre gostei da música que ouvi nos primeiros dez anos da minha vida, que eram basicamente canções populares americanas e principalmente algumas versões britânicas delas mesmas. Eu meio que permaneci fiel a isso, mesmo quando o *rock'n'roll* e Elvis Presley e tudo aquilo aconteceram eu permaneci fiel a isso e, gradualmente, acho que percebi que muitos homens gays gostavam desse tipo de música. Quero dizer, é quase um estereótipo de homens gays gostarem de musicais de Hollywood, de Judy Garland e de estrelas assim. Novamente, eu continuei fiel a isso e acho que isso não me incomodava muito, em especial, apenas pensava que não fazia parte da música pop.

No entanto, de repente, descobri essa música pop. Era de Stevie Wonder, de Diana Ross e desse tipo de som que ao mesmo tempo que era muito melódico, muito ligado ao show *business*, era muito espetacular na sua autoapresentação. De certa forma, parecia mais com o tipo de música que eu sempre tinha gostado, logo, pensei: “Ah, ótimo, finalmente estou gostando de música pop como os jovens supostamente gostam” ..., mas, me envolvo com política e de repente é, mais uma vez, a música errada, porque o prestígio estava em torno de um tipo de música que muitas vezes se considerava mais autêntica. Ou seja, a música que não era comercial, que expressava o “espírito do povo”. As pessoas frequentemente pensavam que o *rock'n'roll* fazia isso, ou alguns tipos de música afro-americana também como *gospel*, *blues* e assim por diante, que eram vistos como autênticos, enquanto a música que eu gostava era vista como... Você sabe, comercial, muito parecida com o show *business*, imediatamente agradável, “bonita demais” de um certo modo. Então, todas essas coisas eram usadas contra ela, pois era vista como música inautêntica.

Quando comecei a me associar mais aos movimentos políticos e ao movimento gay novamente eu estava em uma cultura que não gostava do tipo de música de onde eu vinha. Suponho que havia também um argumento político aí, porque, em termos de política gay, pensava — e, na verdade, em termos de qualquer tipo de política — que é muito problemático ter uma política cultural que esteja desconectada do que a maioria das pessoas gosta. Então,

neste caso específico, estamos falando da base gay: ter uma política gay que estivesse fora de sintonia com a cultura e o gosto gay me parecia uma má política. Você não avançaria se não estivesse enraizado na cultura com a qual a maioria das pessoas gays se identificava. Portanto, havia toda uma discussão em torno da política cultural aí também.

Então, na verdade não me lembro de ter havido qualquer resposta, quer dizer, talvez tenha havido, mas eu não me lembro. E depois, mais tarde, o artigo começou a ser retomado, e já faz o quê, uns 40 anos, ou algo assim, desde que foi escrito. Fico surpreso que ainda esteja sendo retomado, sabe, em todo o mundo, obviamente. Em geral, eu não li críticas devastadoras a ele. Quer dizer, talvez existam, mas eu não as conheço. Talvez existam e eu poderia fazer minhas próprias críticas ao texto. Quero dizer com isso que ele é muito inconsciente do fato de que essa é uma música que vem da cultura afro-americana. Tenho certeza de que eu tinha alguma noção disso, mas certamente o texto não aborda e nem reconhece isso de fato. Bem, suponho que eu não precise me sentir tão culpado pelo fato de ser realmente sobre a música de homens gays, porque foi escrito a partir daquele momento cultural específico. Mas, obviamente, se alguém fosse fazer uma afirmação sobre música lésbica e gay ou música *queer*, a história seria diferente da forma como eu a senti naquela época. Acho que era isso: o texto era do seu tempo. Penso que a principal crítica que eu faria é a falta de consciência das raízes afro-americanas da música. Eu sabia disso, provavelmente mencionei, mas não tratei realmente do assunto.

Também é bastante ingênuo em relação ao fato de que muitas das cantoras centrais eram mulheres, então há toda a complexidade de homens gays usarem cantoras como uma espécie de forma expressiva, o que é algo tão ambíguo. Por um lado, é ótimo poder sentir que uma mulher pode expressar o seu sentimento como homem. De certo modo, isso é muito aberto e fluido e blá-blá-blá, todo esse tipo de coisa. Por outro lado, é exploratório? Existe uma maneira pela qual toda essa glamorização das mulheres é, até certo ponto, desumanizadora de alguma forma? Então, há coisas bastante complexas a serem ditas sobre isso. Essas seriam minhas críticas, mas eu realmente não conheço outras críticas, caso tenham sido feitas.

Público: Alguns dos textos que temos lido certamente tentam conectar essas questões com temas afro-americanos ou latinos, mesmo antes da época em que o seu texto foi escrito. Eu não sei se você... não sei se você já leu este romance *Dancer from the Dance*?

Richard Dyer: Na verdade, nunca li, não. Não sei por que não, porque eu estava em Nova York depois que escrevi o artigo. Acho que estou certo em dizer, às vezes perco a noção de quando as coisas aconteceram, mas acho que já tinha escrito o artigo antes de ir a Nova York pela primeira vez. Eu estava muito envolvido com a cena disco em Nova York naquela época, que, acho, que é muito do que esse livro aborda. Mas não, não acho que eu o tenha lido.

Público: E, depois de publicar seu artigo, você não se aproximou mais da música, exceto para conectá-la ao cinema, ou estou enganado?

Richard Dyer: Não exatamente. Digo, eu escrevi sobre música em relação ao cinema? Sim. Eu sempre dava um jeito, claro. Eu lecionava cinema, mas dentro do cinema eu frequentemente ensinava música afro-americana e cinema, mas isso colocava o disco em uma perspectiva diferente. Mas, claro, é muito complicado, porque o tipo de disco que eu conhecia, embora provavelmente fosse predominantemente de intérpretes afro-americanos, era muito *crossover*, e quando estive em Nova York eu estava ouvindo uma gama muito mais ampla de música disco. Mas, isso foi depois de eu ter escrito aquele artigo. E uma das minhas fraquezas, na verdade, é que, uma vez que escrevo sobre algo, eu não me interesso mais. Sempre quero passar para outra coisa. Então, provavelmente esse é outro motivo pelo qual nunca pensei. Além disso, suponho que, de certa forma, havia elementos que eu não... o texto de Jaap Kooijman², não sei se você leu o texto dele, da Universidade de Amsterdã, ele escreveu um artigo longo repensando meu artigo. E uma das coisas que ele disse foi que, de certo modo, o tipo de música de que eu realmente falo é bastante estranho, é estranho ser tomado como representativo do disco, porque, de certa

² Ver Kooijman (2005).

forma, o disco era muito mais Village People e *I Will Survive*. Esses tipos de músicas são muito mais, para mim, as muito mais pulsantes, que se tornaram a forma predominante do disco, que eu realmente não gostava tanto. Então é um pouco estranho, naquele artigo, porque ele fala de algo que chama de disco, mas que era quase um pré-disco, em termos de outro estilo musical, se comparado, eu nem me lembro dos nomes de várias... Gloria Gaynor, e pessoas assim que surgiam ao longo dos anos 80.

Público: Há três aspectos que você mencionou que são importantes para o disco: materialismo, romantismo e erotismo. E eu não sei se é uma má leitura da minha parte, mas acho que essas questões são importantes não apenas para o disco, mas também para o cinema, para pensar uma espécie de, não sei se é muito ambicioso, uma estética³ para a mídia popular? Eu entendi que elas são importantes para esses dois, mas podem ir além?

Richard Dyer: Não, acho que você está absolutamente certo. Elas são as questões centrais. Eu diria que talvez até em toda arte, de todos os tipos. Ou seja, para mim, é toda arte. Há uma diferença entre o popular e a alta cultura. Isso não torna uma melhor do que a outra. Mas penso que existem certas expectativas em torno do que o popular faz, do que o erudito faz, e tudo isso. Ao mesmo tempo, para mim, tudo é produção cultural, e tudo, em diferentes graus, está preocupado com a sensação corporal, com o sentimento romântico, mas também tem uma base material. Então eu realmente acho que são questões que você pode acompanhar e elas vão se transformar, na verdade, em toda arte, em algum grau. Não quero dizer que toda arte deva ser erótica ou romântica. Mas, acho que o romance é um tipo particular de emoção e o erotismo é um tipo particular de resposta corporal. Acho que, exceto em certos tipos de modernismo, quase toda arte está envolvida em todos esses aspectos. Portanto, a política é sempre olhar para, bem... de que maneira ela está envolvida nesses aspectos.

³ Ver Lopes e Oliveira Junior (2025).

Público: É realmente um prazer conversar com você e eu gostaria de saber quais são os maiores pontos em comum e as diferenças entre as celebridades e as estrelas, antes da era digital e hoje em dia?

Richard Dyer: Acho que há uma diferença entre a estrela e a celebridade, embora as palavras possam ser intercambiáveis, talvez.... Mas, suponho que uma estrela aparece em uma ficção, geralmente em um filme ou em uma ficção, até mesmo em uma canção, enquanto uma celebridade é conhecida pela sua vida, de fato. Agora, é claro, as estrelas também são conhecidas por suas vidas, mas é quase como... Onde está a ênfase? Com uma estrela, a vida é interessante pela maneira como ela revela algo sobre a performance no filme, na música ou onde que quer que ela esteja. Com a celebridade, muitas vezes não há necessariamente uma “performance” em uma ficção, porque o que é interessante sobre ela é sua vida e, se por acaso faz filmes, é quase como se isso não fosse o mais importante. O importante é a vida dela. Então essa seria uma distinção. Eu não tinha certeza se era isso que você queria perguntar. Agora, como a digitalidade mudou isso.... Eu não sei. Realmente, não sei.

Público: Você acha que há uma diferença entre as estrelas do cinema, como Judy Garland, e as divas do disco para as celebridades da internet atualmente? Não sei se você acompanha tudo isso...

Richard Dyer: Obviamente, do ponto de vista da mídia, qualquer que seja o seu meio, faz diferença. Quero dizer, os filmes são ficções e, nesse sentido, temos toda a complexidade das estrelas em relação aos papéis fictícios que elas performam. Além disso, certamente no período dos estúdios, mas mesmo hoje, existe uma enorme e massiva maquinaria que as protege e as apresenta de uma certa maneira. Então, elas estão muito presas a todo um processo elaborado de apresentação. Não sei se isso também é verdade para as divas. Mas, claro, a diferença é que uma canção é muito intensa, é uma espécie de concentração da emoção. Não há uma questão de “qual é o papel?”. Digo, quando uma cantora canta uma música triste, você não precisa supor que ela esteja cantando sobre si mesma, mas, ainda assim, você a experiencia como se fosse dela.

Então, elas incorporam a emoção para você naquele momento. Isso é muito diferente. Então, de certo modo, eu não sei quanto interesse havia na vida privada e na publicidade em torno das divas do disco. Eu simplesmente não sei. Em relação às estrelas da internet, em primeiro lugar, elas estão meio que constantemente disponíveis. Claro, isso é sempre mediado, mas também é algo muito mais contínuo e também, diria, muito mais banal. Parece uma crítica, mas não é sobre ficção. Não se trata de um hiper drama, de algo hiper dramático como nas canções das divas, nem dos mundos fictícios e mágicos. É uma espécie de vida cotidiana. É apenas a vida cotidiana de outra pessoa. Obviamente, é diferente. Então, elas são diferentes. O que eu não sei é se a digitalidade em si faz diferença. Eu realmente não sei. Eu não pensei sobre isso.

Público: É ótimo que o Denilson tenha te convidado. Eu estava pensando nesse debate da digitalização, que eu não acho que seja a questão. Mas, o que eu queria perguntar é se você acha que, com a generalização da produção e distribuição de imagens, existe uma espécie de massificação das estrelas, como se todo mundo pudesse ser uma estrela. Faz parte da ideia de estrela o fato de que não é uma aristocracia, não é uma questão de sangue. É alguém que pode se tornar uma estrela, não importa como essa pessoa nasceu, mas agora isso está mais disseminado. Podemos pensar o mundo das estrelas como se quase qualquer um pudesse ser uma estrela? Que diferença isso faz?

Richard Dyer: Bem, acho que talvez ainda exista uma diferença, talvez estejamos de volta à questão entre estrelas e celebridades. Acho que ainda existe a noção de que as estrelas fazem algo incomum muito bem. Como por exemplo, a maneira como cantam, como dançam, seja o que for, como atuam. Por mais que possamos discutir quem é um bom ator e quem é um mau ator e todo o resto, acho que há um senso de que a performance é vista como algo que, na verdade, nem todo mundo consegue fazer. Então, acho que talvez a maioria das pessoas não pense que pode cantar como, não sei.... Quem seria um exemplo? Especialmente quando você fica mais velho, você vê estrelas mais jovens e pensa: bem, eu poderia cantar assim, o que evidentemente não é verdade. Mas, se penso em Judy Garland, Ella Fitzgerald e outras pessoas que admiro enormemente... Mina, a estrela italiana... Eu simplesmente não conseguiria cantar assim. Ou, se

penso em Frank Sinatra, acho que a maioria das pessoas pensa: não, eu realmente não conseguiria fazer isso. Enquanto muitas das coisas que eu entendo sobre celebridades é que, de certo modo, elas não fazem nada que você não pudesse fazer. Então, é meio curioso como é isso. Por que é que algumas delas, mesmo assim, conseguem ser celebridades? Eu tenho esse tipo de ansiedade, eu sempre fico muito atento a isso, ao modo como o mundo funciona quando... Eu vou fazer 80 anos no próximo mês e eu sempre odiei quando pessoas mais velhas dizem: “ah, o mundo está terrível agora, antigamente era tão bom...”, porque não era. Mas, algo me preocupa sobre a ansiedade das pessoas que consomem mídias digitais de que elas não são celebridades. Já que qualquer um poderia ser uma celebridade, por que elas não são? Enquanto, pelo menos, não me incomoda o fato de que eu não possa ser Frank Sinatra, porque simplesmente sei o quão maravilhoso ele é com aquela voz e aquele talento. Então, acho que essas noções de especialidade... E, se você quiser entendê-las por certo ponto.... Elas são um pouco antidemocráticas se pensarmos que algumas pessoas simplesmente têm algo especial. Agora, é claro, mesmo dentro da história das estrelas de cinema há muitas pessoas que diriam que Lana Turner não tinha nada de especial. Digo, há pessoas que o público realmente não acha que tinham algo especial. Elas simplesmente tiveram sorte ou pareciam encarnar coisas de interesse. Mas, elas são, de certa maneira, bastante excepcionais e considero que é frequentemente injusto quando as pessoas dizem isso sobre alguém como Lana Turner. Mesmo que seja verdade, podemos ver a maneira como elas falavam de uma “certa ideia” e é por isso que eram interessantes. Enquanto, com as Kardashians, quase como o exemplo supremo, elas não... Quero dizer, lembro de ter ido a uma conferência de estudos sobre celebridades e não tenho certeza se eu ouvi falar das Kardashians. Isso foi há uns oito anos. Eu pensei: “Bem, por quê? Pelo que elas são famosas?”. Parece que elas eram famosas por fazer compras. Eu pensei: “Bem, qualquer um pode fazer compras. Então, o que é? Por que essa pessoa é famosa por fazer compras e não outra?”. Eu não sei qual é a resposta para isso. Acho que existe uma diferença aí. Eu apenas me preocupo com essa ansiedade. Eu estudei balé por um tempo. Eu sei que nunca poderia ser Margot Fonteyn. Eu nunca poderia ser. Mas, por que eu não posso ser tão famoso quanto Kim

Kardashian? Eu faço compras, eu tomo café da manhã. Então, esse sentimento... Isso cria um tipo de ansiedade que outros tipos de estrelato não necessariamente criam.

Público: Eu estava pensando no começo do seu artigo, mencionando Petula Clark, e gostaria de perguntar sobre o retorno da música disco hoje. Digo isso porque Lady Gaga é a minha Judy Garland, em *A Star Is Born*: é outra geração de experiência gay. Então, como você entende esse retorno da música disco através de Madonna, Beyoncé, Gaga, na cultura pop: é uma maneira de defender o disco?

Richard Dyer: Acho muito interessante que exista essa persistência das... divas gays, ou divas que são adotadas por comunidades gays. Que isso seja uma coisa muito persistente. Acho também muito interessante como elas são diferentes. Acho interessante como Lady Gaga, Madonna e Beyoncé estão quase mais voltadas para a *performance art*, sim, elas são cantoras. Diferente, digamos, de Kylie Minogue, que não é mais uma grande coisa, mas houve uma época em que ela era uma jovem agradável que cantava. É interessante como... Talvez haja algo sobre a necessidade... Estamos numa situação estranha em relação ao desenvolvimento do gay, vou continuar significando homens gays, por um lado, em parte sob a pressão do debate sobre trans, mas não apenas isso, bissexuais e trans, não apenas a expansão da categoria.

Público: Você mencionou bastante e Ribamar mencionou essa ideia da cultura disco estar voltando, etc. Eu estava pensando se há algum filme que você sente que captura bem aquela época ou se você acha que sempre falta alguma coisa?

Richard Dyer: Capturar a época? Daquele tempo?

Público: Filmes feitos na época que você acha que capturam aquele tempo ou filmes atuais, mais nostálgicos, que capturam aquela época?

Richard Dyer: Mesmo *Saturday Night Fever*, que é, de certa forma, uma traição à viadagem⁴ da disco, é ainda assim extraordinário. Há um novo livro, não sei se vocês conhecem, de Jon Savage, que se chama *The Secret Public*⁵, cujo subtítulo é algo como “como lésbicas e gays fizeram a música popular”, ou algo assim. E, ele tem um capítulo muito interessante sobre *Saturday Night Fever* e sobre quanto de disco real existe nele, mesmo que você consiga ver a maneira como ele está retratando a realidade da disco. Então eu... Na verdade, não consigo pensar em um exemplo. O único que me vem à mente e não tenho certeza se é um bom exemplo, é o filme *Pride* (2017) de Ashley Joiner, que é um filme britânico, não sei se vocês já viram, que é absolutamente nostálgico. Eu realmente vi esse filme com duas amigas minhas duas amigas mulheres da libertação gay, mas que também eram do Partido Comunista. Nós o vimos juntos e há duas coisas. Primeiro, nós o vimos em um cinema no West End de Londres, que é o centro do distrito de entretenimento de Londres. Estava absolutamente lotado e, claro, eu não entrevistei as pessoas que estavam lá, mas me pareceu que eram quase todos heterossexuais. Não parecia haver muitos e muitos... Sem dúvida, havia lésbicas e gays lá também. Eles adoraram, todos pularam e eu pensei: “meu Deus, não posso acreditar nisso. Eu nunca teria imaginado que isso aconteceria”. Mas também pensei: “esta é a minha história”. Eu não estava particularmente envolvido com aquele grupo, mas eu me lembro daquela greve e me lembro de ir às marchas em apoio aos mineiros. E, ao mesmo tempo, o filme tem esse senso de cultura disco gay, não particularmente em discotecas. Então achei isso muito interessante. Acho que o que estive falando até agora sempre implicou que as discotecas são lugares. Claro, “discoteca” vem daí. Existe toda uma maneira em que disco é uma cultura e pode ser feita em qualquer lugar. De fato, isso é só um parêntese, mas nós costumávamos a organizar discotecas alternativas. Nós alugávamos salas em pubs. Então, não era um lugar que já fosse uma discoteca. Nós simplesmente transformávamos o pub em uma discoteca para aquela ocasião específica. Achei isso muito interessante nesse filme. Suponho que um outro lado disso, embora não tenha realmente analisado, é o filme *Night Hawks* (1978) de Ron Peck, que é um filme britânico feito nos anos 70. Foi um dos longas-

⁴

⁵ Ver Savage (2024).

metragens feitos por gays e é sobre um professor que, à noite, vai a clubes noturnos e durante o dia ele dá aulas. Em determinado momento, as crianças perguntam se ele é gay ou algo assim, ele então fala sobre ser gay e por conta disso ele se envolve em problemas. Eu realmente fui convidado para participar desse filme e por razões muito pessoais acabei não participando. Porém, quando eu realmente o vi, achei que as cenas nos clubes gays, onde tocava música disco, eram incrivelmente deprimentes. Havia uma espécie de desolação, frieza e desesperança. Talvez isso faça parte da história. Meu artigo e meu comentário sobre *Pride* são muito calorosos. São muito celebratórios e isso não pode ser toda a história. Talvez seja importante lembrar que a música disco foi um enorme empreendimento comercial, quase certamente envolvendo uma exploração extraordinária de todos os tipos de pessoas, em todos os níveis de produção e que muitas vezes era realmente tocada em lugares que não eram cheios de luz e felicidade, como talvez eu tenha tentado apresentar. Então, acho que *Night Hawks* pode ser bastante valioso desse ponto de vista, como um tipo de exemplo negativo a ser também levado em conta. Porque, claro, o meu artigo na *Gay Left* é em defesa da disco. Era deliberadamente enfatizando o lado positivo das coisas. Essa era a natureza dele como artigo. Não era para ser um “por um lado, por outro lado”. Eu escrevi outro artigo, na verdade um pouco antes, sobre *camp*⁶, e esse era muito mais isso, por um lado, estas são as coisas boas sobre isso, mas por outro, estas são as coisas ruins sobre aquilo. Mas, o artigo sobre disco não tem nenhuma das coisas ruins. Então, isso também é uma limitação do artigo. Mas, como Judy Garland disse, podemos ficar a noite inteira, e eu canto todas elas.

Público: Tivemos uma grande discussão sobre a diferença entre esses termos, porque *diva* vem da ópera e do teatro, e eu não sei como ela foi transposta para qualquer pessoa. “Estrela” parece ter desaparecido. Você a pronunciou hoje, mas agora é muito raro. Aqui, em todo lugar, para qualquer coisa usamos “diva”. Todo mundo é diva. Eu gostaria de saber sua opinião sobre isso.

⁶ Ver Dyer (1977).

Richard Dyer: Isso é realmente, realmente interessante. Uma das dificuldades ao falar de vocabulário, eu abordei no meu livro *Pastiche*⁷, é que as pessoas usam a palavra *pastiche* de todos os tipos de maneiras. Então, quem sou eu para chegar dizendo: “Bem, é isso que realmente significa”. Afinal, as pessoas são livres para usar as palavras como quiserem. Mas, ao mesmo tempo, é bastante útil pensar em estrela, diva e celebridade como três conceitos diferentes e pensar sobre qual é a força por trás deles. Acho muito interessante o que você disse sobre “estrela”, porque lembro que, quando eu ainda estava ensinando, uma vez uma chefe de departamento disse: “Ah, você poderia me dar o seu programa para este curso?” e eu enviei para ela que me respondeu: “Oh, você é uma estrela!”. Então as pessoas até dizem isso, significando apenas: você fez algo legal. Ou, nem mesmo algo legal, você fez o que você foi pago para fazer. Então é usado desse jeito. Eu fui a uma conferência, já faz uns 20 anos, na Alemanha, que era sobre divas. E eu pensei que eles estavam apenas usando essa palavra e que eles simplesmente queriam dizer “estrelas”. Eles me convidaram porque me conheciam e então eu fui, mas percebi que eu realmente não estava preparado, porque eles realmente queriam levar a ideia de uma diva à sério. De certa forma, o que eles estavam pensando é que uma estrela é alguém que aparece em ficções, digamos, pode ser apenas uma canção, mas aparece em algum tipo de performance e é muito famosa dentro disso, sendo vista através de uma certa personalidade e uma certa particularidade. Mas, elas não são divinas. Todo o jogo é que elas são especiais, mas, ao mesmo tempo, também são como eu e você. Poderíamos dizer que a “diva” e a “celebridade” avançaram em direções diferentes. Assim, enquanto “celebridade” assume o aspecto das estrelas, que é “igual a você e a mim”, diva, por outro lado, nos convida a realmente embarcar nessa ideia de que elas são especiais, mágicas e extraordinárias. Não no sentido de que isso as torne pessoas melhores ou mesmo artistas melhores, mas de que há uma espécie de excitação nessa noção de um extremo... Acho que Susan Sontag falou sobre esse tipo de personalidade incandescente, esse tipo de extremidade de expressão, e eles realmente queriam falar sobre todo tipo de pessoa que poderia ser isso. Eles também estavam particularmente interessados nas divas, porque a diva é feminino. Em italiano, você diz divo para um deus, mas eu não acho, nunca

⁷ Ver Dyer (2007).

ouvi ninguém em inglês dizer sobre uma estrela masculina que ela é um divo. E, de fato, na Grã-Bretanha se as pessoas dizem que um homem é uma diva, querem dizer que ele é difícil, não querem realmente dizer que ele é maravilhoso. Então, há usos diferentes em culturas diferentes. É interessante, eu não sabia que as pessoas usam diva... pelo que você diz, “diva” se tornou rotineiro. É apenas outra palavra para “muito famoso”. Enquanto eu penso em uma distinção entre ser muito famoso, ser bom em fazer uma certa coisa e ser interessante por causa do que você sabe sobre a pessoa: isso é a estrela. Muito famoso, quase por acidente de ser uma celebridade, como por ir às compras. Então, há essa outra noção de “extraordinariedade”. Uma parte de mim, com minha cabeça meio democrática, dizia: “não, não, ninguém é extraordinário, todos nós somos extraordinários”, mas isso me fez perceber, nessa conferência em Frankfurt, que existe uma espécie de emoção em pensar em alguém como uma diva no sentido elevado. É claro, isso é diferente do que você estava dizendo sobre as pessoas que usam a palavra de maneira rotineira, o que é muito interessante.

Público: Oi, Richard. Estou muito feliz em fazer uma pergunta para você. O seu trabalho foi vital para mim, você mudou completamente minha vida depois que li o seu texto. De certa forma, as divas contemporâneas continuam tentando alcançar um nível de relevância política, muito informadas por teorias criadas por pessoas como você e outros teóricos que vieram depois. Você acha que podemos pensar, de alguma maneira, em formas de vínculo e modos de vida em torno da adoração das divas, levando em consideração o valor estético e os efeitos da performance, da voz e apenas das energias que as antigas divas da disco costumavam produzir na pista de dança? Pergunto porque, às vezes, no mundo contemporâneo, elas parecem tão preocupadas em serem políticas, num sentido que “tira” a magia.

Richard Dyer: Eu realmente não acompanho as divas contemporâneas. Tipo a Taylor Swift, eu sei que existe essa pessoa e agora eu já contei tudo que sei. Ela canta, isso eu também sei. Em outras palavras, estou um pouco, aliás, bastante por fora para responder à sua pergunta. Mas eu acho que a política de uma diva está no dom de ser diva. Não está em adicionar política a esse dom. Acabou de passar uma série na TV britânica chamada *Mr. Loverman* (2024) dirigida por

Hong Khaou, que fez muito sucesso. É baseada em um romance sobre dois homens de ascendência caribenha, afro-caribenhos, que estão em um relacionamento, mas um deles é casado e sempre escondeu isso. Toda a história é totalmente sobre esse segredo, 50 anos escondendo seu relacionamento gay, e é realmente muito comovente e bem feito. Então, de vez em quando aparece alguma política, surge alguma inserção de uma declaração sobre “assumir-se” ou “ser corajoso” e até faz referência a pessoas como George Michael, Labi Siffre, não sei se vocês sabem quem é. Eu pensei: por que a política parece tão forçada? O que é isso? Pensei que, de certa forma, o que era político na série era mostrar esse vínculo emocional e esse vínculo sexual entre os dois. Isso era a política. Empurrar todas essas outras políticas para dentro acabava tirando a magia. Agora, isso não é sobre divas, mas duas coisas: uma delas é que eu sinto que a beleza é importante. Quero dizer beleza num sentido muito amplo. Eu estava pensando outro dia em como a estética é muito desvalorizada, certamente na cultura britânica e, certamente, na cultura ocidental, noroeste, como quer que você chame. Não quero falar pela América do Sul, do Brasil, especificamente, mas com que frequência a estética precisa ser justificada pela moralidade ou pela política, de uma maneira que acaba tirando tanto da estética quanto, creio eu, da política da estética que é sobre o que está em jogo ao achar algumas coisas belas e não outras, ao sentir prazer em algumas coisas e não em outras. De certa forma, o que eu sempre quis fazer, não sei quantas vezes consegui, é extrair as implicações políticas do prazer. Não dizer “vamos ter prazer e depois ver se podemos colocar alguma política dentro disso”, mas qual é a política do prazer? Qual é o significado do prazer? Obviamente, no texto sobre disco, uma das coisas que eu estava tentando dizer é que o prazer da maneira como esse tipo de música te incentiva a dançar é um prazer que reconhece o corpo inteiro, em vez de reduzir a dança a um impulso sexual o tempo todo. Então, para mim, essa era a política. Estava no prazer, no prazer particular da dança que a música encorajava. Então é isso que eu sempre tentaria fazer. Não tenho certeza se estou realmente respondendo à sua pergunta, mas estou muito interessado nessa ideia de que, em certo sentido, é um equívoco entender a política do dom de ser diva, por exemplo, no sentido de achar que você tem que trazer alguma política explícita. É muito mais sobre: qual é a qualidade exata de diva que você promove e qual é a política disso?

Público: Olá Professor Dyer, obrigado por esta palestra. Estou atualmente trabalhando na minha monografia de graduação sobre *Janela Indiscreta* (1954) e quero perguntar algo relacionado ao seu livro *Stars*⁸, mesmo que um pouco fora do tema. No filme, Lisa Freemont é apresentada com iluminação dramática, elegância e glamour que se alinham fortemente com a imagem pública de estrela da Grace Kelly. Gostaria de saber em que medida você acha que Hitchcock usa intencionalmente a imagem de estrela de Grace Kelly para moldar como o público percebe Lisa no filme.

Richard Dyer: Eu diria que ele absolutamente fez isso. Eu não sou um estudioso de Hitchcock, mas eu adoro *Janela Indiscreta*. Minha sensação é que ele é um diretor absolutamente consciente de seu material. E parte do seu material, ele era frequentemente desagradável sobre isso, mas parte do seu material, eram as estrelas. Então, ele as usava de uma certa maneira. Ele estava muito interessado em roupas e nesse filme ela está muito envolvida com roupas. Ela é editora de moda? De qualquer forma, ela aparece em uma série de figurinos, basicamente, e ele a apresenta assim. Isso faz parte de todo o interesse pelo espetatorialidade que é central para esse filme em particular. Então eu diria que ele está absolutamente consciente da imagem de estrela dela, da qualidade particular de luz associada às loiras, mas também da conotação de classe de sua personagem. De certa forma, ela é... em parte, condescendente ao visitar esse homem em seu pequeno apartamento e ao mesmo tempo ele a leva a fazer todo tipo de coisas ousadas, vestida lindamente e usando salto alto e assim por diante. Eu diria que ele absolutamente usa conscientemente a imagem de estrela dela e usa tudo: a iluminação, as roupas, os diálogos. Claro, a razão pela qual ele é um diretor muito bom é que, ao mesmo tempo, ela é aquela personagem. De certa forma, sempre há uma tensão no cinema entre a imagem da estrela e a personagem. Você vai pensar nela como Grace Kelly ou vai pensar nela como Lisa Freemont? O truque é, durante uma hora e meia, fundir a imagem de estrela e a personagem.

⁸ Ver Dyer (1998).

Esse é o grande truque a ser alcançado, que é algo que Hollywood era muito boa e não era só Hitchcock.

Referências

DYER, Richard. **Gays and film**. London: British Film Institute, 1977.

DYER, Richard. In defense of disco. **Gay Left**, n. 8, 1979.

DYER, Richard. **Stars**. London: British Film Institute, 1998.

DYER, Richard. **Pastiche**. London and New York: Routledge, 2007.

KOOIJMAN, Jaap. Turn the beat around: Richard Dyer's 'In Defence of Disco'revisited. **European Journal of Cultural Studies**, v. 8, n. 2, p. 257-266, 2005.

LOPES, Denilson; OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José de. Por uma estética disco no Brasil. **Contracampo**, v. 44, n. 1. 2025.

SAVAGE, Jon. **The Secret Public**: how LGBTQ performers shaped popular culture. London: Faber & Faber, 2024.

Richard Dyer – King's College London

Professor Emérito de Estudos de Cinema no King's College de Londres.